

Choques financeiros e famílias de baixa renda: por que poupança e crédito não bastam - e o seguro faz a diferença

- Choques financeiros são eventos súbitos, de alto custo e difícil previsão que interrompem bruscamente a economia familiar. Diferentemente das despesas do dia a dia, eles não se acumulam aos poucos: exigem respostas imediatas e podem destruir, em poucas semanas, anos de esforço financeiro
- Entre os choques mais comuns estão desastres naturais, doenças graves, acidentes, morte ou invalidez do principal provedor de renda e perdas inesperadas de trabalho ou patrimônio. Em muitos casos, o impacto é tão intenso que afeta não apenas a renda, mas também a saúde emocional e a estabilidade social da família

Principais origens dos choques financeiros

Os choques que mais frequentemente afetam famílias, especialmente as de baixa renda, incluem:

- **Desastres naturais:** enchentes, deslizamentos, secas, tempestades e outros eventos que destroem moradias e bens
- **Problemas de saúde:** doenças graves ou acidentes que geram despesas médicas elevadas e longos períodos de afastamento do trabalho
- **Perdas familiares:** morte ou invalidez do provedor principal, com interrupção abrupta da renda
- **Quedas súbitas de renda:** desemprego inesperado, fechamento de pequenos negócios ou perda rápida de patrimônio

Por que os choques atingem mais as famílias de baixa renda

Famílias de baixa renda vivem com margens financeiras extremamente estreitas. Muitas não têm acesso a serviços financeiros formais, nem reservas suficientes para enfrentar emergências. Segundo a Associação de Genebra, mais de 1,3 bilhão de adultos no mundo ainda estão fora do sistema financeiro formal.

Mesmo entre os que possuem conta bancária, a poupança costuma ser mínima. Basta um único choque para empurrar milhões de pessoas de volta à pobreza, anulando avanços conquistados ao longo de anos.

Pesquisas mostram um paradoxo relevante: em alguns países com menor bancarização, mais pessoas afirmam conseguir levantar recursos em uma emergência do que em países com maior acesso bancário. Isso indica que ter conta não é o mesmo que ter proteção financeira. Sem reservas sólidas ou mecanismos de proteção, o choque elimina rapidamente qualquer colchão financeiro existente.

Por que a poupança não resolve grandes emergências

Guardar dinheiro é fundamental, mas não resolve crises graves. A poupança costuma cobrir despesas previsíveis ou emergências de pequena escala, mas não acompanha a magnitude de choques severos, como tratamentos médicos prolongados ou reconstrução de uma casa após um desastre.

Estudos em países como Brasil, México, Índia e África do Sul mostram que custos de saúde são a maior preocupação financeira das famílias. Um único internamento ou tratamento complexo pode consumir anos de economias.

Além disso, fatores estruturais agravam o problema:

- inflação elevada corrói o valor da poupança
- informalidade torna a renda instável
- ausência de direitos trabalhistas reduz a capacidade de recuperação após crises

Para famílias de baixa renda, poupar é necessário, mas insuficiente para absorver choques profundos.

Por que o crédito pode piorar a situação

Recorrer a empréstimos costuma parecer uma solução imediata, mas frequentemente cria um ciclo de endividamento difícil de romper. Na prática:

- a família se endivida para cobrir despesas urgentes
- os juros são elevados, sobretudo no crédito informal
- parte significativa da renda futura passa a ser comprometida com dívidas
- qualquer novo imprevisto gera a necessidade de novos empréstimos

Esse processo alimenta uma espiral de dívida que fragiliza ainda mais a família. Como apontam pesquisas internacionais, esse fenômeno ocorre tanto em países desenvolvidos quanto em economias emergentes, explicando por que muitas famílias não conseguem se reerguer plenamente após uma crise.

Como o seguro faz a diferença

O seguro atua de forma estruturalmente diferente da poupança e do crédito. Em vez de reagir ao desastre, ele antecipa o risco e distribui o custo.

Funciona assim:

- a família paga um valor pequeno e previsível ao longo do tempo
- quando ocorre o evento coberto (doença, acidente, morte, desastre), há indenização ou prestação de serviços imediata
- o impacto financeiro do choque é amortecido

Isso significa que a família não precisa esgotar a poupança nem se endividar profundamente, conseguindo manter um mínimo de estabilidade enquanto atravessa a crise.

Como resume Jad Ariss, diretor-geral da Associação de Genebra, o seguro:

“oferece estabilidade justamente onde poupança e crédito falham — protegendo as famílias de choques que podem apagar anos de progresso”.

O seguro funciona como um colchão financeiro automático, acionado exatamente quando o impacto seria mais destrutivo.

Leia também:

[**Famílias em mercados emergentes seguem expostas a choques financeiros, aponta relatório internacional**](#)

O que a pesquisa internacional revela sobre seguros em mercados emergentes

Estudo da Associação de Genebra em Brasil, China, Índia, México, Marrocos, África do Sul e Turquia revela um paradoxo claro:

entre 70% e 90% das pessoas reconhecem a utilidade do seguro;

mas a adesão é baixa, especialmente em coberturas essenciais.

As maiores lacunas estão em:

- **seguro patrimonial** (moradia, bens, desastres)
- **seguro de vida e invalidez** (proteção do provedor)
- **seguro de renda**

O seguro-saúde é o mais contratado, justamente porque os custos médicos são percebidos como risco imediato. Ainda assim, menos da metade das famílias possui cobertura privada.

Os países que mais avançaram, como China e Índia, combinaram produtos simples, canais digitais e apoio público, tornando o seguro mais acessível às camadas vulneráveis.

Como o seguro pode impulsionar a inclusão financeira

A pesquisa destaca três caminhos principais:

1. Simplicidade e digitalização

Produtos simples, de baixo custo e seguros incorporados (*embedded insurance*) a serviços cotidianos — como telefonia, transporte ou varejo — reduzem burocracia e ampliam a adesão.

2. Confiança e relevância local

Educação financeira, contratos claros e produtos ajustados à realidade local aumentam a confiança. Muitos não segurados acreditam que poderiam contratar seguro; o desafio é torná-lo acessível, compreensível e confiável.

3. Apoio público e regulação moderna

Identidades digitais, pagamentos instantâneos, sandboxes regulatórios e incentivos fiscais podem acelerar a inclusão. A cooperação entre governo e setor privado é decisiva.

O papel do seguro na estabilidade social

Fortalecer o seguro vai além da proteção individual. Reduz recaídas na pobreza, diminui a pressão sobre políticas assistenciais e aumenta a resiliência econômica da sociedade.

Ao suavizar choques, o seguro preserva renda, protege patrimônios e permite que famílias sigam planejando o futuro mesmo após eventos extremos.

Oportunidades no Brasil

O Brasil reúne condições especialmente favoráveis:

- alta penetração de smartphones
- infraestrutura digital consolidada (Pix, open banking, identidade digital)
- canais de comunicação amplamente usados, como WhatsApp

Esses elementos permitem levar seguros simples, acessíveis e incorporados ao cotidiano de milhões de pessoas. O avanço do *embedded insurance* abre caminho para um mercado mais inclusivo, capaz de proteger famílias vulneráveis e, ao mesmo tempo, fortalecer o sistema financeiro.

Em um país marcado por desigualdades e choques recorrentes, o seguro deixa de ser luxo e passa a ser instrumento de estabilidade, dignidade e desenvolvimento sustentável.

Famílias em mercados emergentes seguem expostas a choques financeiros, aponta relatório internacional

- Apesar dos avanços em pagamentos digitais, poupança e acesso ao crédito, milhões de famílias em mercados emergentes continuam altamente vulneráveis a choques financeiros inesperados. Doenças, eventos climáticos extremos e interrupções de renda ainda têm potencial para comprometer anos de progresso econômico. É o que revela o novo relatório da Associação de Genebra (The Geneva Association), intitulado *“Insurance as a core element of financial inclusion in emerging economies”*
- Segundo o estudo, mais de 1,3 bilhão de adultos em todo o mundo ainda estão fora do sistema financeiro formal, enquanto muitos outros permanecem subsegurados, sem proteção adequada contra riscos básicos do dia a dia. O diagnóstico reforça o papel do seguro como componente essencial da inclusão financeira, especialmente em economias emergentes

Seguro é percebido como útil, mas lacunas de proteção persistem

A pesquisa comparativa foi realizada em Brasil, China, Índia, México, Marrocos, África do Sul e Turquia. Em todos esses países, entre 70% e 90% dos consumidores afirmam considerar o seguro um instrumento útil para lidar com imprevistos.

Ainda assim, o relatório identifica lacunas relevantes de proteção, sobretudo nos ramos:

- patrimonial
- invalidez
- seguro de vida com componente de poupança

Essas lacunas deixam famílias expostas a perdas financeiras severas, especialmente em contextos de baixa renda e informalidade, comuns em mercados emergentes.

Custos médicos lideram preocupações financeiras

Entre os entrevistados, os custos médicos aparecem como a principal preocupação financeira. Não por acaso, o seguro de saúde apresenta os maiores níveis de adesão entre os países analisados.

Mesmo assim, a acessibilidade financeira continua sendo um dos maiores obstáculos à contratação de seguros. China e Índia se destacam com níveis mais elevados de cobertura, impulsionados por:

- ecossistemas digitais consolidados
- esquemas públicos de proteção
- integração entre políticas sociais e soluções privadas

Seguro como estabilizador econômico das famílias

Para Jad Ariss, diretor-geral da Associação de Genebra, a vulnerabilidade financeira segue sendo uma realidade cotidiana para milhões de pessoas. Nesse contexto, o seguro cumpre um papel que poupança e crédito, isoladamente, não conseguem desempenhar.

“O seguro oferece estabilidade onde poupança e crédito não são suficientes, protegendo as famílias de choques que podem apagar anos de progresso”, afirma Ariss

Segundo ele, ampliar o acesso ao seguro é condição necessária para um crescimento verdadeiramente inclusivo, especialmente entre populações de baixa renda e grupos historicamente pouco atendidos.

O desafio não é acesso, mas acessibilidade e confiança

Na avaliação de Kai-Uwe Schanz, diretor de Inclusão Financeira da Associação de Genebra, um dado chama atenção: a maioria dos entrevistados que não possui seguro acredita que conseguiria contratar uma cobertura se precisasse.

Isso indica que o principal desafio não está no acesso físico ou digital, mas em três fatores centrais:

- acessibilidade financeira
- relevância e adequação dos produtos
- confiança nas instituições e nos contratos

“As seguradoras precisam desenvolver produtos simples, eficientes em custos e habilitados digitalmente, enquanto os formuladores de políticas devem integrar o seguro às estratégias nacionais de inclusão financeira”, destaca Schanz

Três prioridades para avançar na inclusão financeira via seguros

O relatório aponta três frentes estratégicas para ampliar o papel do seguro nas economias emergentes:

1. Inovação comercial

Desenvolvimento de produtos simples, de valor claro para o consumidor e com forte uso de tecnologia, incluindo:

- distribuição via telecomunicações
- parcerias com microfinanças e varejo
- seguros incorporados (*embedded insurance*)

2. Alinhamento de políticas públicas

Reconhecimento do seguro como pilar da inclusão financeira, apoiado por:

- identidades digitais
- infraestrutura de pagamentos
- incentivos fiscais
- integração com políticas sociais e de saúde

3. Regulação habilitadora

Ambiente regulatório que favoreça inovação com proteção ao consumidor, por meio de:

- sandboxes regulatórios
- onboarding digital
- produtos combinados
- regras claras de transparência e governança

Por que esse debate importa para o Brasil

Para países como o Brasil, o relatório dialoga diretamente com desafios já conhecidos: informalidade, desigualdade de renda, choques climáticos recorrentes e custos elevados em saúde. Ao posicionar o seguro como instrumento de proteção financeira e estabilidade social, o estudo reforça a importância de políticas públicas e estratégias de mercado que ampliem a cobertura de forma sustentável e acessível.

Mais do que um produto financeiro, o seguro se consolida como infraestrutura de resiliência, capaz de proteger famílias, preservar renda e evitar retrocessos econômicos diante de eventos inesperados.

Leia também:

. [**Choques financeiros e famílias de baixa renda: por que poupança e crédito não bastam - e o seguro faz a diferença**](#)

Fonte: CNseg, em 09.01.2026